Afeganistão e Iraque: o inferno não acabou

Tropas dos Estados Unidos deixaram o Iraque em 2011 e ainda permanecem no Afeganistão, mas, após uma década de combates, os países ainda vivem conflitos internos

Quando a Primavera Árabe chegou, em 2011, abalando vários governos, espalhou-se por uma região já bastante sacudida por conflitos, aguçados desde 11 de setembro de 2001, quando as torres gêmeas, em Nova York (EUA), foram derrubadas por um ataque terrorista da rede Al Qaeda, de Osama bin Landen. No mesmo ano, os Estados Unidos invadiram o Afeganistão, país da Ásia Central, vizinho ao Oriente Médio. Em 2003, foi a vez do Iraque, onde a intervenção militar durou oito anos. Assim que os Estados Unidos saíram, no fim de 2011, o país mergulhou em uma guerra sectária. No Afeganistão, onde as tropas norte-americanas permanecem, há uma escalada de conflitos com as milícias do Taliban. A região está em ebulição.

Após a ocupação no Iraque

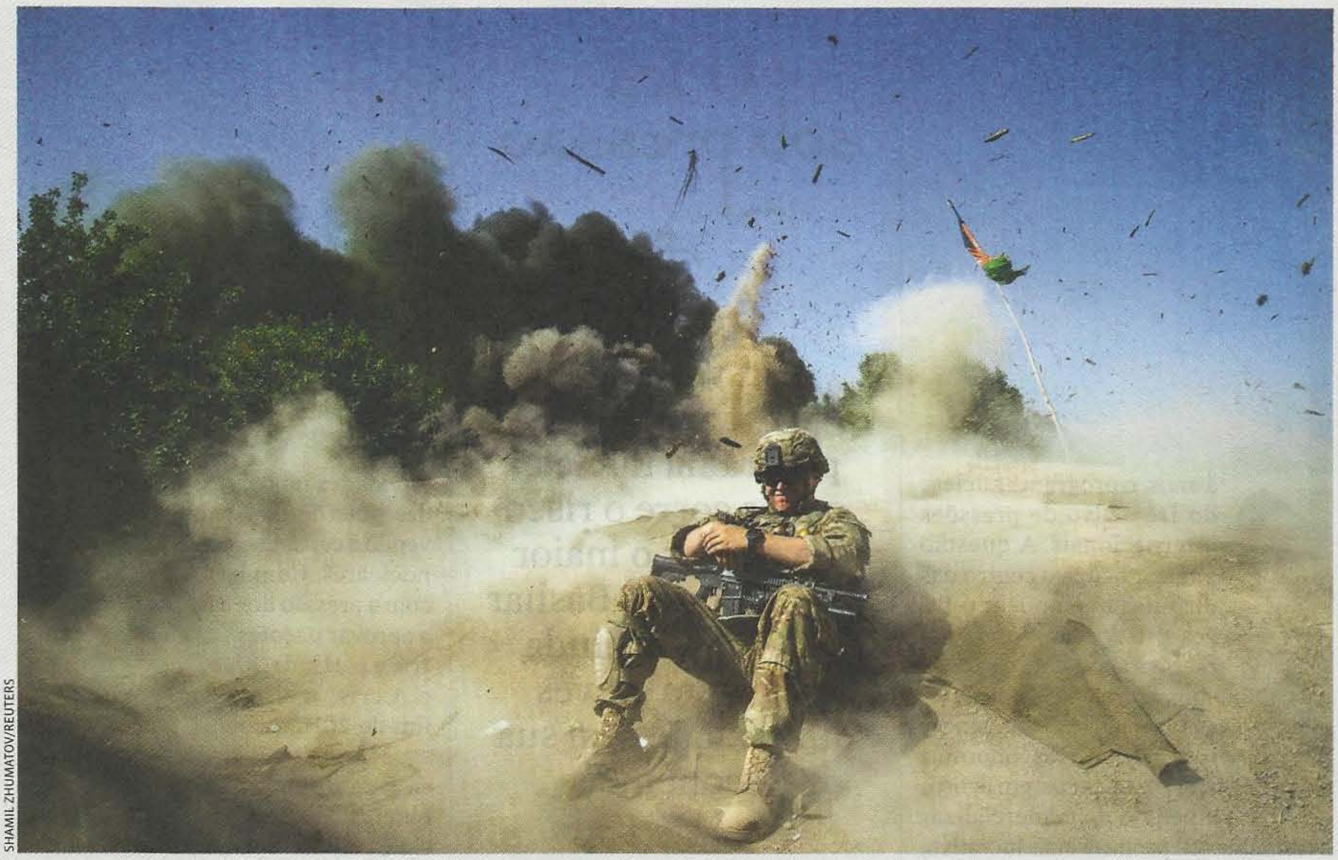
Os Estados Unidos invadiram o Iraque em 2003, para terminar com o regime de Saddam Hussein, hostil aos norte-americanos. A alegação para isso (que depois não se confirmou) era de que o país acumulava armas de destruição em massa. O objetivo de fato era assegurar a influência sobre a estratégica região, que guarda uma das maiores reservas de petróleo do mundo (*veja o mapa na pág. 73*). Desde a chegada dos norte-americanos, o país mergulhou numa espiral de conflitos entre seus principais grupos populacionais: xiitas (60% da população), sunitas (20%) e curdos (15%). Além de lutarem entre si, havia a resistência armada às tropas dos EUA. A causa central dos conflitos internos foi a aliança política do comando militar norte-americano com a elite xiita. A marginalização dos sunitas – nos quais Saddam se apoiava para governar – desencadeou a insurgência sunita contra os EUA e os xiitas. Entre os combatentes sunitas havia nacionalistas, partidários de Saddam Hussein e milícias ligada a Osama bin Laden, como a Al Qaeda no Iraque, criada em 2004. A principal milícia xiita é o Exército Mahdi, liderado pelo clérigo Muqtada al-Sadr, que promoveu uma violenta campanha contra os soldados estrangeiros, até ser derrotado, em 2008.

As mudanças políticas internas começaram em 2005. A coalizão xiita Aliança Iraquiana Unida vence as eleições organizadas pelas tropas de ocupação. Pela primeira vez na história do país, os xiitas chegaram à chefia do governo. A Assembleia Nacional Provisória (ANP) forma um governo transitório e redige o projeto de nova Constituição, que desagrada aos sunitas por prever a possibilidade de criação de federações autônomas no norte (curdos) e no sul (xiitas), regiões que concentram as jazidas de petróleo. A Aliança Iraquiana Unida vence as eleições para o Parlamento, mas não consegue a maioria absoluta. Um novo governo é nomeado, com o xiita Nuri al-Maliki como primeiro-ministro. O curdo Jalal Talabani mantém-se na Presidência.

Apesar das eleições, a violência no país aumenta e atinge seu pico em 2006 e 2007. Diminui depois, com o envio de mais soldados e com os acordos obtidos com milícias sunitas. Em 2008, o governo dos EUA, ainda com George W. Bush, anuncia o fim da ocupação militar até 2011. Ela ocorre aos poucos, e as operações de combate são gradualmente transferidas para as forças do Iraque.

Nas eleições de 2010, nenhuma legenda obtém a maioria no Parlamento. Maliki continua no cargo, ao formar uma coalizão com o bloco não religioso Iraqiya, apoiado pelos sunitas. Mas a partilha do poder não ocorreu, e Maliki acumula funções, atuando como ministro da Justiça, do Interior e da Defesa. Os Estados Unidos encerram a ocupação no fim de 2011. Com a guerra no Iraque, foram consumidos trilhões de dólares e 4,4 mil soldados perderam a vida. No período, mais de 110 mil civis iraquianos também morreram.

Um dia após a retirada das tropas, o mais proeminente líder sunita do Iraque, o vice-presidente Tariq al-Hashemi, torna-se fugitivo no próprio país, pois o primeiro-ministro xiita Nuri al-Maliki manda prendê-lo, sob a acusação de terrorismo. Al-Hashemi busca proteção no Curdistão, no norte do Iraque. Em setembro de 2012, a Corte Suprema Penal do Iraque o condena à pena de morte por crimes de terrorismo. Foragido, Hashemi responde que a ação tem motivação política.



SHAMIL ZHUMATOV/REUTERS

Maliki marginaliza os sunitas de seu país e se aproxima dos xiitas próximos ao governo do Irã, em especial do clérigo Moqtada Al-Sadr. A crise no governo impulsiona reivindicações de autonomia para as províncias de maioria sunita, e Maliki veta a proposta. A oposição à autonomia também acontece por causa do conflito na Síria, onde a revolta ameaça derrubar o governo alauíta (xiita). O governo do Iraque teme a formação de um bloco unindo as áreas sunitas iraquianas com uma Síria eventualmente sunita. Líderes do oeste do Iraque admitem, em 2012, que militantes e armas estão passando por eles para chegar à Síria. A cooperação entre os sunitas coloca Maliki em alerta, pois a crise síria pode sair de suas fronteiras.

Internamente, o número de atentados cresce, ameaçando a unidade do Estado iraquiano. A maioria atinge alvos xiitas, além da polícia e do Exército. Muitas das ações são atribuídas ao grupo Estado Islâmico do Iraque, vinculado à Al Qaeda. Nas cidades de maioria sunita, o povo ganha as ruas, em manifestações antigoverno.

LIMPANDO A ÁREA
Soldado dos Estados Unidos realiza uma detonação controlada no sul do Afeganistão: a previsão é reduzir as tropas, mas manter sua presença até 2014

Mais violência no Afeganistão

Os EUA invadiram o Afeganistão em 2001 e derrubaram o regime fundamentalista do Taliban, acusando-o de dar abrigo ao grupo Al Qaeda. Em seu lugar, foi empossado um governo aliado do Ocidente, sustentado por tropas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Mas a guerrilha islâmica ressurgiu com força no sul e no leste do território nos últimos anos, usando como base as áreas tribais do oeste do vizinho Paquistão.

Vários incidentes em 2012 envolvem tropas norte-americanas e recebem amplo repúdio no Afeganistão. Em janeiro, surge um vídeo no qual soldados dos EUA urinam sobre corpos de afeganes. No mês seguinte, militares dos EUA mandam incinerar, segundo eles por engano, exemplares do *Alcorão*, livro sagrado dos muçulmanos. Em março, um sargento assassina 17 pessoas (incluindo nove crianças). O massacre leva o presidente afegane, Hamid Karzai, a criticar a presença das tropas externas.

O Taliban não dá tréguas, e a escalada de violência continua. Os EUA conseguiram derrotar o Taliban na província de Kandahar, mas os ganhos militares são considerados "frágeis e reversíveis", por causa da incapacidade do governo do Paquistão de caçar os guerrilheiros em seu território. No início de 2013, o presidente Obama anuncia a retirada de metade do contingente militar dos EUA no Afeganistão até 2014. Já a Otan estuda manter de 8 mil a 12 mil militares no Afeganistão após 2014, em missões de formação e treinamento, além de apoio ao Exército afegane.

O Irã sob pressão

Isolado externamente em razão de seu programa nuclear, o país corre o risco de perder o maior aliado, o sírio Bashar al-Assad, e ainda enfrenta graves dificuldades em sua economia

Há anos, o programa nuclear do Irã é alvo de pressões internacionais. A questão nuclear ocupa o centro das disputas que opõem o Irã aos Estados Unidos e a Israel. As acusações de que o país ambiciona fabricar a bomba atômica provocaram sanções econômicas internacionais – as últimas, impostas pelos EUA, foram iniciadas em agosto de 2012. Impedido de comercializar livremente seu produto mais lucrativo, o petróleo, o país enfrenta uma séria crise econômica.

No plano político, a tensão é elevada com a ameaça de que Israel pode atacar as instalações nucleares do Irã. Mas não é só com Israel que o Irã mantém rivalidade. A Arábia Saudita é um inimigo histórico, com quem disputa influência no Oriente Médio. Num esforço para fortalecer o país, o presidente Mahmoud Ahmadinejad busca estreitar alianças com Líbano, Iraque, Egito e Síria. Mas a Primavera Árabe torna as alianças incertas e frágeis.

As revoltas também afetaram internamente o Irã. A população foi às ruas para reivindicar mudanças, mas as manifestações foram abafadas. Porém, a crise na economia e a alta de preços causam novos protestos em outubro de 2012. Os iranianos culpam o presidente pela situação e exigem mudanças.

País importante no Oriente Médio, o Irã possui uma população muçulmana, xiita em sua maioria, mas não árabe, e sim persa. A nação saiu da esfera de influência norte-americana em 1979, quando a Revolução Islâmica depôs o regime do xá Reza Pahlevi, aliado dos EUA, e instaurou em seu lugar um regime teocrático. Após a chegada à Presidência do conservador Ahmadinejad, eleito em 2005 e reeleito em 2009, a situação se aguçou, porque o presidente iraniano, com uma retórica incendiária, defende o fim do Estado de Israel e questiona a ocorrência do Holocausto – a execução de 6 milhões de judeus na II Guerra Mundial.

Nos últimos anos, a hostilidade agravou-se diante da determinação de Teerã em prosseguir com seu programa nuclear – acusado pelos países ocidentais de ter como objetivo não declarado a obtenção da bomba atômica. Ahmadinejad defende o "direito inalienável" de o Irã atuar na área nuclear, pois afirma que o país busca a geração de energia (o programa começou com apoio dos EUA no regime do xá). O Irã é signatário do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP) e afirma que cumpre rigorosamente os seus pontos, incluindo o que prevê vistorias externas sobre o enriquecimento de urânio para fins pacíficos. Mas a Agência Nuclear de Energia Atômica (Aiea), encarregada de inspecionar as atividades nucleares, já declarou que desconfia de que o país esteja desenvolvendo a capacidade de produzir armas nucleares. Com base nas suspeitas e com a pressão dos EUA, a ONU passou a aprovar pacotes de sanções contra o Irã, a partir de 2006.

A crise mais recente começou no fim de 2011, quando a Aiea detalhou aspectos das atividades iranianas que só fazem sentido se o objetivo for a obtenção da bomba atômica. Os EUA e a União Europeia (UE) anunciaram sanções severas para restringir as vendas de petróleo iranianas no exterior, a maior fonte de receita do país.

Em resposta, porém, as autoridades iranianas elevaram o tom de sua postura desafiadora. No início de 2012, o Irã ameaçou fechar o estreito de Ormuz – estratégica rota marítima que liga os portos de exportação de petróleo no golfo Pérsico ao oceano Índico – se as sanções fossem ampliadas e realizou exercícios navais na região. Os EUA reagiram, afirmando que não irão tolerar nenhum bloqueio. Como um quinto do petróleo vendido no mundo passa pelo local, Washington mantém forte presença naval no golfo Pérsico, para assegurar sua livre circulação.

Em maio de 2012, a Aiea descobriu rastros de urânio enriquecido a mais de 20%, limite para o uso com fins pacíficos (a bomba exige enriquecer urânio acima de 90%). O governo iraniano defendeu-se afirmando que o enriquecimento acima do padrão pode ter ocorrido por falha técnica. Diante das evidências, os EUA anunciam novas sanções contra os setores petroquímico e de energia do Irã, em agosto de 2012.

AFP

CHEFE DE ESTADO
O aiatolá Khamenei é saudado por oficiais da Força Aérea, em fevereiro de 2013: no regime teocrático, o líder religioso é também chefe político

Xadrez geopolítico

O regime iraniano é apontado como o grande patrocinador de grupos extremistas que atuam contra Israel, como o Hamas palestino, na Faixa de Gaza, e o xiita Hezbollah, no Líbano. Seu maior aliado na região é o governo da Síria, também inimigo de Israel. As relações com os israelenses encontram-se em momento de alta voltagem. Israel não é aderente ao TNP e é considerado internacionalmente um país com arsenal nuclear, embora não confirme isso. O governo de Teerã acusa Israel de ter assassinado quatro cientistas nucleares iranianos para prejudicar o seu programa. Já Israel afirma que o Irã está por trás dos atentados contra funcionários de suas embaixadas na Índia e na Geórgia, em 2012.

A influência regional do Irã vem correndo o risco de um sério abalo com o conflito na Síria. Se o regime sírio de Bashar al-Assad cair, o Irã fica sem um corredor para abastecer o Hamas e o Hezbollah, e perde seu maior aliado.

O Irã tenta ampliar sua influência no Oriente Médio estreitando relações com comunidades hostis aos norte-americanos em países estratégicos. Um dos esforços de Ahmadinejad é no sentido de reforçar os laços com o Líbano, o Hezbollah e a população xiita do país, além do novo governo do Egito. O Irã também se aproxima do Iraque por meio de uma aliança com o clérigo Muqtada al-Sadr, uma das principais lideranças xiitas do país. Al-Sadr comanda uma coalizão de partidos que apoia o primeiro-ministro xiita Nuri al-Malik (*veja mais na pág. 80*).

Questões domésticas

Internamente, o regime iraniano sofreu um sério abalo em 2009, quando multidões tomaram as ruas da capital, Teerã, em gigantescas manifestações contra a reeleição de Ahmadinejad. Uma repressão brutal dispersou os protestos. O governo iraniano reprimiu rapidamente as manifestações no início das revoltas árabes.

Uma disputa interna por poder entre o presidente e o líder religioso supremo Ali Khamenei torna-se pública em 2011, pela nomeação de ministros. Ao mesmo tempo, Ahmadinejad está tendo de lidar com vários problemas. A economia apresenta graves dificuldades – crescimento lento, desemprego alto e corrupção. Com o embargo internacional, as exportações de petróleo caíram de forma expressiva, comprometendo as finanças nacionais. Um dos resultados é a inflação, o que levou a população às ruas de Teerã em outubro de 2012. O governo perde popularidade. Nesse cenário, há uma insatisfação crescente com a falta de democracia, vista como uma ameaça pela teocracia iraniana.